

PAULO NUNES BATISTA

ZE' BICO DOCE

O REI DA MALANDRAGEM



LITERATURA DE CORDEL

PAULO NUNES BAPTISTA

LIV. E TIP. SANTOS LTDA

Rua Alfredo Brito, 18

(Junto ao Hotel. Pelourinho)

Tel. 242-5323 - Salvador - BA

ZÉ BICO DOCE

O REI DA MALANDRAGEM

Registrado na Associação Nacional de Violeiros e Trovadores



Copyright 1960 — Editora Prelúdio Limitada

São Paulo — Brasil

**Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística**

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 12.468



Rua Almirante Barroso, 730

Telefone: 292-3188 - CEP 03025 - São Paulo

CGC. 43.826.643/0001-00

Inscr. Estadual 109.085.107

Editora Luzeiro Limitada

PAULO NUNES BAPTISTA

Z É B I C O D O C E
O R E I D A M A L A N D R A G E M



Leitores, eu vou contar
A vida de Bico Doce
O sujeito mais sabido
Que neste mundo encontrou-se.
O proprio Cancão de Fogo
Com êle um dia embrulhou-se.

Zé Bico Doce nasceu
Disse-me quem assistiu
Antes do tempo esperado
Para o mundo êle existiu;
Nasceu andando e falando
Coisa que nunca se viu.

O pai de Zé Bico Doce
Era um ladrão de primeira,
Profissional do baralho
E batedor de carteira,
Passar "contos do vigário"
Foi sempre a sua carreira.

A mãe de Zé Bico Doce
Era a maior linguaruda:
Falava da vida alheia
Que era "um Deus nos acuda",
Vivia à custa dos outros
Pedindo, sempre, "uma ajuda"~

Já diz aquele ditado:
 "Filho de peixe é peixinho".
 Zé Bico Doce saiu
 Aos pais em tudo igualzinho
 E, seguindo seus exemplos,
 Foi pelo mesmo caminho.

Na infância de Bico Doce
 Falarei só de passagem:
 E certo é que êle criou-se
 No meio da malandragem
 Não achou nunca um menino
 Que lhe levasse vantagem.

Quem foi ao Rio conhece
 O tal Morro de Mangueira:
 Foi ali que o Bico Doce
 Passou sua infância inteira
 Cantando samba e brigando,
 Treinando a passar rasteira.

Aos seis anos já sabia
 Manejar uma navalha;
 Já fumava e já bebia;
 Tinha ganho uma medalha
 Num "Concurso de Mentiras"
 Era um perfeito canalha.

Os segredos do baralho
 Seu proprio pai lhe ensinou,
 Mas dentro de pouco tempo
 No pai a perna passou
 Daí pra diante, ninguém,
 Nunca, um jôgo lhe ganhou.

Com sua conversa mole
 Já sabia conquistar...
 Toda garôta que via
 Já queria namorar
 A todas pedia beijos
 E prometia casar...

Passava os dias atôa
 Ou no jôgo de baralho.
 Dizia: — "Não fui criado
 Para viver de trabalho...
 E enquanto houver gente tola
 No mundo eu não me atrapalho".

Um dia fugiu de casa
 E lá nunca mais voltou.
 Os quatro cantos do mundo
 Bateu, mexeu, revirou.
 Até o proprio diabo
 Zé Bico Doce enganou.

Tirou carta de malandro,
 Diploma de vagabundo.
 Sentia pelo trabalho
 O desprezo mais profundo.
 Foi o maior vigarista
 Que já viveu neste mundo.

Nunca pegou no pesado
 Nem teve nunca patrão:
 Passar a perna nos trouxas
 Era a sua profissão
 Tinha uma sorte danada
 Nunca conheceu prisão.

Era muito respeitado
 Pelos malandros do Rio
 O bôlso de Bico Doce
 Nunca se encontrou vazio.
 Tinha uma boa aparência
 Andava sempre "no fio".

D.cheiro e mulher bonita
 Sempre teve com fartura
 Era um mulato escolado,
 Gostava da côr escura.
 E não passava êsse dia
 Sem fazer uma aventura.

A ler, contar e escrever
 Por si mesmo êle aprendeu.
 Do grande livro do mundo
 Todas as páginas leu
 E com letras de aventuras
 A sua história escreveu.

Com relações a mulheres
 Zé Bico Doce era "o tal",
 Não enfeitava parada
 E nem se saía mal,
 Causava mais sensação
 Do que o proprio "Amaral".

Teve mais de mil mulheres
 Foi pior que Barba Azul,
 Comprou um "harém" de escravas
 Na cidade de Estambul,
 Fez moça tomar veneno
 Desde o Norte até o Sul.

Como já diz o seu nome
 O moleque era bicudo,
 Tinha uma fala bem mansa,
 Macia que só veludo,
 Com êle a mulher soltava
 Coração, dinheiro e tudo!

"Mulher é como sapato"
 Costumava êle dizer:
 "Só presta bonito e novo
 E mole, pra não doer...
 Tem que usar bastante graxa
 Pro couro velho render..."

"Mas, desgraçado do homem
 Que fêz o que ela quer
 Se não for duro já sabe
 Que perde logo o mistér...
 Precisa muita ciência
 Para lidar com mulher!"

"E' preciso sempre usar
 Muita cabeça e carinho,
 Porque há mulheres que são
 Pedacos de mau caminho
 Quanto mais o homem dá flôres
 Elas só nos dão espinho..."

Certas mulheres só vão
 Com muito cuidado e jeito:
 Muitas delas quando gostam
 Dizem logo — "Não aceito!..."
 Quem fêz o que elas dizem
 Acaba louco perfeito..."

"Infelizmente há mulheres
 Que são duras de roer...
 A gente estuda cem anos
 E nunca chega a entender...
 Com essas não aconselho
 Ninguém seu tempo perder."

"A mulher só vence o homem
 Por meio da traição.
 Conforme se lê na Bíblia
 Mãe Eva enganou Adão
 Tentando êle a comer
 O fruto da perdição..."

"Dalila traiu Sansão
 E continua hoje em dia
 A mesma história de sempre
 Com Chica, Antonia ou Sofia,
 Mas, em falas de mulher
 Só um bobo é quem se fia..."

Zé Bico Doce dizia
 Que nunca se apaixonou
 E muita dona bacana
 De queixo mole deixou...
 Pois da sua bicaria
 Ninguém nunca se livrou.

Zé Bico Doce uma vez
 Passando pelo sertão,
 No Estado de Goiás,
 Na cidade de Matão
 Roubou uma linda moça,
 Fez enorme confusão.

Era num dia de festa
 Quando ele em Matão chegou:
 Pôs uma banca de jôgo
 Depois que o imposto pagou,
 E o dinheiro da cidade
 Em poucas horas tomou...

Depois que a turma "alisou"
 Bico Doce disse assim:
 "Já que não tem mais dinheiro
 A festa acabou pra mim...
 Vocês vão me desculpendo
 Não ficar até o fim..."

Com o bôlso cheio da nota
 Ele ia se retirar
 Quando um grupo de donzelas
 Perto dele viu passar
 E deu-lhe logo vontade
 De uma delas conquistar.

Para poder começar
 Um assunto de namôro
 Ele fez que tropeçava,
 Somente por desafôro,
 E pôs no dedo da moça
 Uma aliança de ouro.

A coisa foi tão ligeira
 Que somente ela notou,
 O Zé lhe pediu desculpa
 Na hora que tropeçou...
 Mas, a aliança no dedo
 Da dita moça ficou...

A moça desconfiou,
 Quiz a aliança tirar,
 Porem ficou tão vexada
 Que nem podia falar,
 Bico Doce aproveitou
 Logo pra se declarar...

Disse: — "Eu ia viajar
 A procura da esperança
 Agora vejo que achei
 A rainha da bonança
 E o Destino já botou
 Entre nós, uma aliança..."

A moça ficou mais mansa
 E a conversa prosseguiu.
 Zé pôs sua bicaria
 E o tal "brotinho" caiu:
 Antes de findar a noite
 Com ele a moça fugiu.

A moça não era boba
 Embora sendo da roça,
 Só falava em casamento
 E o Zé levando na troça
 Mas de repente ele viu
 A coisa ficando grossa...

E' que a tal moça fujona
 Que se chamava Maria
 Descobrimdo ainda a tempo
 Que o Zé casar não queria,
 Resolveu voltar pra casa,
 Dizer que se arrependia.

Desta vez Zé Bico Doce
 Ficou bastante encrencado,
 O pai de Maria era
 Um valentão afamado,
 Já tinha perdido a conta
 Dos que ele tinha matado.

Quando descobriu a fuga
Da filha com o Bico Doce
Foi dizendo a todo mundo:
"Hoje o diabo soltou-se...
Se eu não encontro êsses dois
Pra mim o mundo acabou-se..."

Saiu feito um condenado
Pelas ruas de Matão
Buscando a filha fujona
E o Bico Doce ladrão,
Descobriu o rumo deles
E seguiu na direção.

Alugou um caminhão
E saiu estrada afora.
Disse: — "Toca para Anápolis,
Não podemos ter demora...
Fé em Deus e pé na táboa
Que está passando da hora..."

Leitor, vejamos agora
O que é que acontecia
Lá na Estação de Anápolis
Na hora que o trem partia:
Bico Dóce procurava
Inda convencer Maria.

Quando o trem já se movia
O pai da moça chegou:
Zé, sem perda de um minuto
O último carro pegou
O velho inda deu dois tiros
Mas Bico Doce escapou...

A moça foi quem levou
Uma surra de primeira
E nunca mais quiz saber
Dessa triste brincadeira...
E o Bico Doce dizia:
"Não vou bem, desta maneira..."

Entre outras muitas façanhas
Que o Zé Bico Doce fez
Tem uma de um tal noivado
Que eu vou contar a vocês:
Ele tratou casamento
Com três moças de uma vez...

Levou na conversa as três
Com sua panca exquísita.
Uma se chamava Rosa,
Outra se chamava Rita
E a outra era uma escurinha
Por nome de Benedita.

Dessas três a mais bonita
Era Rosa, uma lourinha.
Era formada em fogão,
Professora de cozinha,
Trabalhava no Leblom
E só andava na linha.

Foi coroada "Rainha"
Num baile de gafeira.
Bico Doce estava lá
No meio da brincadeira
Despertou na tal lourinha
Uma paixão verdadeira.

Por uma semana inteira
O Zé conquistou a Rosa:
Ela foi nas águas dele
Toda faceira e pancosa
Noivaram e trataram o dia
Para fazer a entrosa.

O Zé com a sua prosa
Deixou Rosa caidinha
Quando ela estava segura
Dando fita e dando linha.
Bico Doce começou
Namorando com Ritinha.

A Ritinha era morena,
Trabalhava de enfermeira,
Ganhava um bom ordenado
Num hospital de primeira,
Trajava na última moda
E era namoradaira.

Pela seguinte maneira
B'co Doce procedeu:
Fingiu que cortava um dêdo
E para o hospital correu
Procurando uma enfermeira
Foi Rita quem lhe atendeu.

Zé Bico Doce meteu
A bicaria sem pena
De tarde saiu de bonde
Conversando a tal morena,
Pedi Rita em casamento,
Comprometiu a pequena.

Pouco depois desta cena,
Controlando Rosa e Rita,
Zé Bico Doce firmou
Namôro com Benedita,
Esta era uma mulata
Muito "bôa" e bem bonita.

A mulata era perita
Em pontos de candomblé:
Dançava numa macumba,
No feitiço tinha fé
Ficou gostando do tipo
E da conversa do Zé.

Bico Doce tomou pé
E bancou o "Pai de Santo"
Deu uns passes na mulata
Para tirar o quebranto
Dizendo com seus botões:
"O amor dessa eu garanto..."

Já fazia um mês e tanto
Que êle a coisa controlava:
Um dia encontrava a Rosa,
No outro com Rita estava
E às sextas, no candomblé
Por Benedita esperava.

Com todas as três falava:
"O meu desejo é casar
Daqui para o fim do ano,
Não posso mais esperar..."
Rosa, Rita e Benedita
Começaram a se aprontar.

A Rosa tinha um irmão
Dono de alfaiataria,
Apresentou Bico Doce
Com toda diplomacia
Trataram logo do terno
Que era para o grande dia.

Rita tinha economia
De uns quarenta mil cruzeiros,
Foi logo com Bico Doce
Nos melhores costureiros...
Zé andava numa pinta
Que invejava aos companheiros.

Benedita apresentou
Bico Doce ao povo dela,
Tinha um tio que era rico
E estimava a donzela
Prometeu dar tudo aos noivos
Da roupa ao véu e à capela.

Bico Doce arranjou tudo
Quanto tinha precisão:
Comprou um apartamento
Com entrada e prestação,
O tio de Benedita
Foi fiador na questão.

Cavou logo com o irmão
Da Rosa, uma gaita boa...
E foi controlando a coisa
Ligeiro como quem vòia,
Trabalhando com a cabeça,
Não perdia tempo à tóa.

Estava chegando o dia
De fazer o casamento:
Rosa, Rita e Benedita,
Todas três num só momento
Esperavam o fim do ano
Pra realizar seu intento...

Conforme seu pensamento
Bico Doce planejou:
Com as três, para um só dia
O casamento marcou...
Findava o mês de Dezembro
Dia trinta e um chegou!

Conforme êle combinou
Deveria se encontrar
Com cada uma das noivas
Na igreja, aos pés do altar...
Na hora determinada
Todas três foram esperar...

Leitor, pode imaginar
Como foi interessante
Quando as três noivas chegaram,
Cada qual mais elegante,
Seguidas de seus padrinhos
A espera de seu amante...

Começa a passar da hora
E o Zé nada de chegar...
As três noivas, já nervosas,
Começaram a conversar:
A Rosa, que era de briga,
Pegou a desconfiar...



A Rita pôs-se a chorar,
 Benedita se amou!
 “Quêde o noivo que não vem?”
 O tio lhe perguntou.
 Ela disse: — “Minha gente!
 Que fim o Zézin tomou?...”

Nisto a Rosa perguntou:
 “Seu noivo chama Zezinho?”
 Benedita respondeu:
 “E’ o nome do meu noivinho”.
 A Rita disse: — “Parece
 Que eu já descobri tudinho...”

Tinha um retrado do Zé
 Que ela guardava no seio,
 Perguntou a Benedita:
 “Será seu noivo êste feio?”
 Disse ela: — “E’ êste mesmo!
 Mas, por que foi que não veio?”

Saiu até tiroteio
 Na hora da confusão:
 Rita se atracou com Rosa,
 Rolaram as duas no chão,
 O padre correu dizendo:
 “Mas, meu Deus, que barulhão!...”

Nesta mesma ocasião
 Zé Bico Doce embarcava
 Num avião bem veloz
 Que para Cuba voava,
 Bôas roupas e dinheiro
 Em duas malas levava...

Fez ainda três bilhetes
 Um para Rosa, outro pra Rita,
 E finalmente o terceiro
 Mandou para Benedita
 Dizendo: “Com véu de noiva
 Você deve estar bonita!...”

Depois que fez esta fita
 Bico Doce se ausentou
 E alguns anos viajando
 Por toda parte ficou.
 Um dia teve saudades
 E à sua terra voltou...

Mas desde então procurou
 Andar sempre disfarçado.
 Depois do caso das noivas
 Andava desconfiado
 E nunca dormiu no ponto.
 Sempre agia com cuidado.

Certa vez Zé Bico Doce
 Levava a pior num jogo,
 Com um preto desconhecido
 Que tinha os olhos de fogo,
 Que não era deste mundo
 Zé Bico Doce viu logo.

O negro estava ganhando,
 Não perdia uma partida...
 Zé Bico Doce exclamou:
 “Minha fama está perdida!
 Mas, o diabo deste preto
 Daqui não me sai com vida...”

Era a última jogada,
 Bico Doce estremeceu...
 Todo o dinheiro que tinha
 Para o tal negro perdeu
 Mas teve uma grande idéia
 E assim êle procedeu:

Gritou pro negro: — “Colegal
 Você é mesmo de fato?”
 O negro se levantou
 Tinha os pés como os de um pato...
 Bico Doce então lhe disse:
 “Ês o cão, mas eu te matol!...”

O negro, que era o Diabo,
Dando uma grande risada
Respondeu pro Bico Doce:
"Que é isso meu camarada?
Não tenha medo de mim
Que eu não vou lhe fazer nada..."

"Não lhe preciso dizer,
Você sabe quem eu sou...
Mas quero ser seu amigo
E porisso aqui estou:
Mil vezes o seu dinheiro,
Se você quer, eu lhe dou..."

"Você perdeu vinte contos
Vinte mil lhe posso dar!
E o que se passa entre nós
Prometo a ninguém contar...
Trago aqui um compromisso
Para você assinar!"

"Quando der a meia-noite
Nós vamos ao cemitério
Ninguém mais pode saber
Deste segredo o mistério:
Você assina com sangue,
Pois o contrato é bem sério..."

"O contrato diz assim:
Declaro que recebi
Vinte mil contos de réis
Por minha alma, que vendi,
Ao Diabo, nesta data.
Disso não me arrependi."

Bico Doce respondeu:
"Escuta, amigo, tem dó!
Acha que vendo a minha alma
Por vinte mil contos, só!!
Vê que a minha alma é granfina,
Vale mais que ouro em pó..."

"Se você quiser me dar
O que der meu peso, em ouro,
Eu assino o seu contrato
Por menos é desaforo!
Sei que isso não vale nada
Pro seu imenso tesouro..."

Disse o Diabo: — "Seu Zé,
Não gosto de brincadeira!
Veja bem que hoje é meu dia
É' noite de sexta-feira...
E hoje eu ganho a sua alma
De uma ou de outra maneira."

Bico Doce então lhe disse:
"Vamos fazer uma aposta.
(Se não fôsse por você
Não faria essa proposta...)
More bem no meu assunto
Depois me dê a resposta."

"A proposta é a seguinte:
Vamos jogar novamente.
Eu quero um jôgo sem roubo,
Jôgo de gente decente...
Se ganhar, eu levo os vinte
Contos que perdi, somente..."

"Se eu perder, minha alma é sua!
Faça dela o que quiser...
Pode assá-la na fogueira
Como melhor lhe aprover...
Não acha boa a proposta?
Me diga, seu Lucifér!"

"Mas tem inda uma coisa:
Eu jogo é com o seu baralho.
Pra não dizer que eu roubei!
Não quero lhe dar trabalho...
Eu jogo de olhos fechados
E sei que não me atrapalho..."

Disse o Diabo: — “Está feito!
 Aperte aqui minha mão...
 Sei que você vai perder
Mas não quero discussão.
 Se eu perder, em vez dos vinte
 Contos, lhe pago um milhão...”

Zé Bico Doce sabia
 Que o baralho era marcado.
 Sendo assim, de todo jeito
 O diabo estava atolado...
 Botaram as cartas na mesa,
 Cada um sentou de um lado.

Já na primeira saída
 Zé Bico Doce ganhou...
 Disse o diabo: — “Ladrão!
 Desta vez você roubou...
A próxima vez é minha
 Que a sua sorte acabou.”

Na segunda, novamente,
 Quem perdeu foi satanaz,
 Que, irritado, reclamava:
 “Eu não me equilíbrio mais...
 Meu baralho está marcado,
 Ele é sabido de mais...”

Mas já tinha feito o trato,
 Não podia recuar.
 Zé Bico Doce ganhou,
 O cão teve que pagar
 O dinheiro prometido
 Não tinha outro jeito a dar!

Foi assim que o Bico Doce
 Enganou o próprio cão.
 Saiu muito satisfeito
 Carregando o seu milhão,
 O preto deu um estouro,
 Desaparecendo, então.

Bico Doce em pouco tempo
 Meteu o pau no dinheiro,
 Fazendo as maiores farras,
 Passeando no estrangeiro:
 Fez coisas do arco-da-velha,
 Correu quase o mundo inteiro.

Seguiu logo para a Europa:
 Foi ver a França e Paris!
 Paris das mulheres belas,
 Das francesinhas gentis,
 Dos cabarés afamados
 Aquele grande país!

De Paris seguiu pra Londres,
 Foi ver de perto as inglesas.
 Foi à Itália e viu Roma.
 Visitou as holandesas,
 Namorou as espanholas,
 Não gostou das portuguesas.

Da Europa foi à Ásia,
 Visitou China e Japão;
 A Índia, a Síria, a Turquia,
 A Sibéria e o Indostão.
 Também esteve na África
 Viu o Saára e o sultão.

De volta dessa viagem
 Veio sair na Argentina.
 Já estava quase sem grana
Mas não maldizia a sina:
Arranjou uma viuva
Cheia da gaita e granfina!

Da Argentina, Bico Doce
 Volta ao Rio de Janeiro.
 Separou-se da viuva
 Quando acabou-se o dinheiro.
 Disse: — “Prá viver quebrado
 Prefiro mais ser solteiro”...

Um dia Zé Bico Doce
 Cancão de Fôgo encontrou.
 Que era um sujeito sabido
 Sem demora êle notou.
 "Como vai você, velhinho!!"
 Zé Bico Doce o saudou.

Cancão de Fôgo lhe disse:
 "Estou muito mal de vida!
 Imagine que, outro dia,
 Minha mulher foi vendida
 Por mim, na feira, a um sujeito
 Pra defender a comida..."

"Não tenho ninguém no mundo:
 Nem irmão, nem mãe, nem pai.
 Minha casa é minha roupa
 Para onde eu vou ela vai.
 Tudo que é meu vou levando
 Qualquer prazer me distrai..."

"Gostei muito do seu tipo:
 Você parece direito...
 Deve ter bom coração,
 Sei que não é mau sujeito!
 Acho que eu hoje encontrei
 Um amigalhão do peito!..."

"Eu estou na pindaíba,
 Há dias não como nada...
 Me empresta aí cem cruzeiros...
 Não vai me fazer ursada!
 Como é mesmo a sua graça!
 Me diga, meu camarada!..."

"Eu me chamo Bico Doce,
 Apelidado Zezinho.
 Fui muito com sua cara,
 Quero ser seu amiguinho.
 Gostei da sua conversa
 E também do seu jeitinho."

"Tenho aqui vinte cruzeiros
 Entre nós vou repartir...
 Vamos já matar o bicho
 Naquele boteco ali...
 Porem, me diga o seu nome
 E onde você vai dormir!..."

"Me chame Cancão de Fôgo,
 Sou o seu menor criado.
 Ando à toa pelo mundo,
 Pois sou meio avariado...
 Costumo dormir nas praças
 Não tenho quarto marcado."

"Entre nós tudo está certo,
 Portanto, não tem perigo...
 Você é bastante esperto,
 Mas uma coisa eu lhe digo:
 Não queira me tapear
 Porque se estrepa comigo..."

"Nem precisa pensar nisso!..."
 Cancão de Fôgo atalhou
 "Já lhe conheço de nome,
 Sou seu admirador...
 Quando precisar de mim
 Às suas ordens estou."

Depois que ficaram juntos
 Zé Bico Doce e Cancão
 Todo dia havia roubo
 Não se encontrava o ladrão:
 Um, agia com a cabeça,
 O outro, empregava a mão...

A polícia andava doida
 Com os furtos misteriosos.
 Só se via nos jornais:
 "Os ladrões são perigosos!"
 "Quem tiver dinheiro, esconda!"
 "Cuidado com os criminosos!"

Certa vez, chegou ao Rio,
De Minas, um fazendeiro
Que fôra dar um passeio
Levando muito dinheiro:
Queria gosar a vida
Pelo Rio de Janeiro...

Quando o trem chegou no Rio
Que êle saltou na Estação
Não poudé escapar das garras
De Bico Doce e Cancão
Tomaram até sua roupa
E seu último tostão...

O caso passou-se assim:
Zé Bico Doce arranjou
Um automovel de praça
E para a Estação levou,
Uma carta de chofér
Cancão de Fôgo roubou.

Logo assim que o fazendeiro
Saltou na Estação Central
Bico Doce ofereceu
Como é muito natural
O carro para levá-lo
Para o hotel principal...

Caucão dirigiu o carro
Para a mata da Tijuca.
Foi então que o fazendeiro
Viu que estava na arapuca...
Ninguém podia livrá-lo,
Porém, daquela sinuca!

Pararam o carro na estrada
E assaltaram o fazendeiro:
Tomaram tudo o que tinha
A mala, a roupa e o dinheiro!
Deixaram "o pato" na estrada
Nú, e fugiram ligeiro...



Mas, por causa desse assalto
 Houve grande confusão:
 Zé Bico Doce acabou
 Foi brigando com Cancão
 Cancão queria levar
 Do roubo a maior porção!

Bico Doce lhe dissera:
 "Vamos fazer o seguinte
 Roubamos quarenta contos,
 Cada qual fica com vinte".
 Cancão de Fôgo, porém,
 Tomou isso como acinte.

Disse: — "O trabalho foi meu,
 Você quase não fez nada...
 Eu só lhe dou cinco contos
 Porque sou seu camarada;
 Pelo direito, devia
 Ser toda minha a bolada..."

Foram dividir o lucro
 No quarto de uma pensão,
 Começaram conversando
 Depois saiu discussão.
 Bico Doce então lhe disse:
 "Tenha calma, meu irmão!..."

"Vamos dormir, que é melhor...
 Precisamos descansar...
 Você está meio afobado
 Mas precisa se acalmar...
 Amanhã, nós poderemos
 As contas logo acertar..."

Deixaram a gaita guardada
 Debaixo do travesseiro;
 Deitaram na mesma cama,
 Pra garantir o dinheiro...
 Mas, nenhum dos dois dormiu
 Com o olho no companheiro!

Quando foi de madrugada
 Cancão, sagaz, levantou-se:
 Tirou da cinta um punhal
 Para matar Bico Doce
 Este, que estava acordado,
 Ligeiro com êle agarrou-se.

Então, foi aquele rôlo:
 Lá vai tabefe e vem tapa.
 Todo mundo se acordou
 Na pensãozinha da Lapa
 Bico Doce apaga a luz,
 Pega o dinheiro... e se escapa!

Quando a polícia chegou
 O quarto estava vazio:
 Cancão saltou da janela,
 Sumiu nas ruas do Rio...
 Nunca mais viu Bico Doce,
 Andava triste, sombrio...

Bico Doce escapuliu,
 Viajou para a Bahia,
 Dizendo: — "Senhor do Bonfim
 Há de ser sempre o meu guia!
 Eu vou trabalhar sozinho,
 Não quero mais companhia..."

Na Bahia, Bico Doce
 Foi certa vez a uma Igreja.
 Saudou o padre, dizendo:
 "Que Jesus louvado seja!
 Vim convidar "seu" Vigário
 Pra tomar uma cerveja..."

Zé Bico Doce sabia
 Que ali se enchia da grana:
 O padre punha dinheiro
 Num baú, toda semana,
 Que estava escondido atrás
 De uma imagem de Sant'Ana.

O padre disse: — “Meu filho,
Isso é pecado mortal!
Só bebo vinho de Missa,
Pois é coisa natural...
Mas, tomar bebida forte
Para mim não é legal!”

Bico Doce então lhe disse:
“Padre, eu vim me confessar...
Eu tenho um grande pecado
E quero ao senhor contar:
Depois, faço penitência
Para Deus me perdoar!”

O Padre chamou: — “Irmão,
Vamos ao confessionário.”
Entrou e disse: — “Meu filho,
Minha bôca é um sacrário
Conte todos os pecados,
Pode crer no “seu” Vigário...”

Bico Doce começou:
“Padre, minha mãe matei...”
O Vigário se assustou,
Disse: — “Filho, eu não escutei...
Respita o que você disse,
Pois eu mal interpretei!”

Bico Doce prosseguiu:
“Seu” padre, eu matei meu pai...
Matei também meu irmão...
E, desse jeito que vai,
Eu mato até o senhor
Se daqui logo não sai...”

De medo o padre tremeria,
Foi saindo, devagar...
Correu pra porta da rua
Como um possesso a gritar...
Enquanto Zé Bico Doce
O cofre estava a buscar.

Atrás da imagem, de fato,
Ele encontrou o caixão
Onde o vigário guardava
A grana, com devoção...
Quando pegou no caixote
Foi chegando o sacristão.

Bico Doce, sem demora,
Passou-lhe uma capoeira.
O sacristão atirou-lhe
Na cabeça uma cadeira;
Bico Doce, se livrando
Desabalou na carreira.

Quando abriu o baúzinho
Viu que ali gaita era mato...
Os jornais só publicavam:
“O assaltante é um mulato;
Se a polícia não prendê-lo
Isso é mais que um desacato!...”

Da Bahia Bico Doce
Seguiu para Pernambuco:
Fez tanto roubo em Recife
Que o povo ficou maluco;
Um Delegado matou-se
E outro acabou caduco.

No Rio Grande do Norte
Fez assaltos em Natal,
No Assú, em Baixa Verde,
Em Mossoró e em Macau;
Andou vestido de padre
Com o nome de Menelau.

No Ceará fez um furto
Num hotel de Fortaleza
Onde se hospedou seis meses
E não pagou a despeza:
Levou dez lençóis de cama
E uma toalha de mesa.

Meteu-se no Pianí
 Como comprador de gado:
 Fez um negócio da china
 Comprou cem rezes fiado,
 Deu tudo num caminhão
 Mudou-se para outro Estado.

No Pará, Zé Bico Doce
 Fez muita coisa também:
 Um tal ladrão "Mão de Sêda"
 Ele encontrou em Belem
 Tomou-lhe até a camisa,
 Deixou-o sem um vintém.

Do Pará, Zé Bico Doce
 Foi finalmente a Manaus
 Ali, quase não fez nada:
 Os tempos estavam maus,
 Borracha estava sem preço,
 Tudo em verdadeiro caos.

Resolveu voltar ao Sul
 Descendo pelo sertão.
 Em Goiás deu golpes certos
 Em Goiânia e Catalão.
 De lá seguiu pra São Paulo
 Viajando de avião.

Em São Paulo êle encontrou-se
 Com um rival perigoso
 O bandido "Sete Dedos",
 Um nome muito famoso;
 Disse: — "Procuró outra praça
 Pois não sou ambicioso".

Encontrou bons trabalhos
 No Estado do Paraná:
 Passou o conto do paco
 Num bôbo, em Paranaguá;
 Fez um assalto em Londrina,
 Dez roubos em Maringá.

Levando cinquenta contos
 Foi a Santa Catarina
 Onde abriu casa de jôgo,
 Fez dinheiro como mina
 Deixou um sócio que tinha
 Na mais completa ruína.

Seguiu até Pôrto Alegre .
 Mas não quiz saber do frio
 Veio clandestinamente
 Embarcado num navio
 E, numa bela manhã,
 Saltou de novo no Rio.

Foi morar no barracão
 Do famoso Zé da Ilha,
 Dizendo: — "Aqui onde estou
 Nunca a policia me pilha.
 Se vierem me buscar
 Faço luta de guerrilha..."

Ficou uns tempos parado,
 Trabalhando com moamba.
 Era um "az" da batucada
 E na rasteira era um bamba...
 Se ainda não levou fim
 Até hoje está no samba!...



HINO DA INDEPENDÊNCIA

Música: Dom Pedro I

Letra: Evaristo da Veiga

I

Já podeis da Pátria filhos
Ver contente a mãe gentil;
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil.
Já raiou a liberdade,
Já raiou a liberdade,
No horizonte do Brasil.

Coro

Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil,
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.

II

Mal soou na serra ao longe
Nosso grito varonil,
Nos imensos ombros, logo, (bis)
A cabeça ergue o Brasil.

Coro

Brava gente...

III

Os grilhões que nos forjava
Da perfidia astuto ardil,
Houve mão mais poderosa, (bis)
Zombou deles o Brasil.

Coro

Brava gente...

IV

O Real Herdeiro Augusto,
Conhecendo o engano vi
Em despeito dos tiranos, (bis)
Quis ficar no seu Brasil.

Coro

Brava gente...

V

Revoaram tristes sombras
Da cruel guerra civil,
Mas fugiram apressados (bis)
Vendo o anjo do Brasil.

Coro

Brava gente...

VI

Parabéns ó brasileiros
Já com garbo juvenil;
Do Universo entre as nações (bis)
Resplandece a do Brasil.

Coro

Brava gente...

Composto por:

Programa Produções Gráficas Ltda.
C.G.C. 47.398.110/0001-17
Rua Domingos de Moraes, 1757, cj. 8
SÃO PAULO

Imprimiu:

Centrais Impressoras Brasileiras Ltda.
C.G.C. 61.925.608/0001-11
Estrada de Vila Ema, 722
SÃO PAULO

COLEÇÃO LUZEIRO

LITERATURA DE CORDEL

Astúcia de Camões
 Aventuras de João Desmantelado
 Batalha de Oliveiros com Ferrabrás
 Bicho de Sete Cabeças
 Boi Misterioso
 Bom Pai e o Mau Filho
 Briga de Dois Matulos por Causa de um Jumento
 Briga de São Pedro com Jesus por Causa do Inverno
 Capitão do Navio
 Cabras de Lampião
 Cachorro dos Mortos
 Cangaceiro Isaias
 Carta de Satanás a Roberto Carlos
 Chegada de Lampião no Céu
 Chegada de Lampião no Inferno
 Chegada de Lampião no Purgatório
 Cidrao e Helena
 Coco Verde e Melancia
 Comprador de Barulho
 Conselhos do Destino
 Contador de Mentiras
 Coragem de Juquinha pelo Amor de Ivonete
 Coragem de um Vaqueiro em Defesa do Amor
 Debate de Camões com um Sábio
 Disputa de Bocage com um Padre
 Dois Amigos Leais
 Donzela Teodora
 Encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte
 Encontro de Lampião com Adão no Paraíso
 Encontro de Lampião com Dioguinho
 Encontro de Lampião com Saturnino no Inferno
 Enc. do Pres. Tancredo com o Pres. Getúlio Vargas no Céu
 Escrava do Destino
 Fera de Petrolina
 Ferreiro das Três Idades
 Festa da Bicharada
 Filho de Evangelista do Pavão Misterioso
 Filho do Herói João de Calais
 Filho de Juvenal e a Serpente de Fogo
 Getúlio Vargas, Vida, Tragédia e Morte do Presidente
 Gigante Quebra-Ossos e o Castelo Mal Assombrado
 Grande Combate de Neve Branca com João Cabeleira
 Helena, a Virgem dos Sonhos
 Herói João Canguçu
 História do Boi Leitão
 Horácio e Enedina
 Intriga do Cachorro com o Gato
 João Acaba Mundo
 João da Cruz
 João de Calais
 João Soldado
 João Terrível e o Dragão Vermelho
 João Valente e a Montanha Maldita
 Jogador na Igreja
 Josafá e Marieta
 José de Souza Leão
 Juvenal e o Dragão
 Lagoa Misteriosa e o Cavalo Encantado
 Lágrimas de Amor, ou A Vingança de um Condenado
 Lampião e Maria Bonita no Paraíso
 Lampião, o Rei do Cangaço
 Lobisomem Encantado
 Louca do Jardim

Luta de Zé do Caixão com o Diabo
 Manassés e Marili
 Maria Bonita, a Mulher-Cangaço
 Martim Tomba-Serra e o Gigante do Deserto
 Martírios de Uma Mãe
 Menino das Abelhas
 Mistérios da Princesa dos Sete Palácios de Metais
 Monstro sem Alma
 Morte, Testamento e Enterro de João Grilo
 Mulher que Enganou o Diabo
 Mulher que se Casou 18 Vezes
 Mulher Roubada
 Negrão do Paraná
 Nequinho e Jandira
 Novas Proezas de Bocage
 Olhos de Dois Amantes por Cima da Sepultura
 Padre Cícero, o Santo do Juazeiro
 Pai que Forçou a Filha Sexta-Feira da Paixão
 Papagaio Misterioso
 Pavão Misterioso
 Pedrinho e Julinha
 Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte
 Peleja de João Ataíde com Pelado do Sul
 Peleja de Manoel Riachão com o Diabo
 Peleja de Zé Pretinho com Manoel Riachão
 Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum
 Piadas do Bocage
 Pistoleiro Invenível
 Prantos de Cacilda e a Vingança de Raul
 Tancredo, Esperança que Não Morre
 Princesa da Pedra Fina
 Princesa do Reino do Mar-sem-Fim
 Princesa Rosamunda
 Princesa Rosinha na Cova dos Ladrões
 Príncipe Formoso
 Príncipe João-sem-Medo
 Proezas de João Grilo
 Promessa da Vingança
 Quatro Sábios do Reino
 Quenço de Pedro Malazarte no Fazendeiro
 Rosinha e Sebastião
 Rufino, o Rei do Barulho
 Segunda Vida de Cancão de Fogo
 Sofrimentos de Alzira
 Sofrimentos de Célia
 Sorte do Amor
 Touro Preto que Engoliu o Fazendeiro
 Traição de Dalila e a Força de Sansão
 Três Cavalos Encantados e os Três Irmãos Camponeses
 Três Conselhos da Sorte
 Triste Sorte de Jovelina
 Tubiba, o Desordeiro
 Vaca Misteriosa
 Valdemar e Irene
 Valente Zé Garcia
 Vaqueiro Damião
 Vicente, o Rei dos Ladrões
 Vida e Testamento de Cancão de Fogo
 Vida, Vingança e Morte de Corisco
 Vitória de Floriano e a Negra Feiticeira
 Volta de Lampião ao Inferno
 Zé Bico Doce
 Zezinho e Mariquinha

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
EDITORA LUZEIRO LTDA.
Rua Almirante Barroso, 730
São Paulo - CEP 03025